

(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 18, dezembro 2015, Editorial]

Acidente de Trabalho: um negócio muito lucrativo!!

Karl Polanyi, filósofo húngaro, escreveu, em 1944, que as sociedades de mercado, como são as da nossa época, são moinhos satânicos que trituram as relações sociais na economia de mercado. Pessoas viram farinha trituradas no moinho. Não é preciso ser um arguto observador para ver que é isso que acontece à nossa volta. As cenas cotidianas que nos chocam têm grandes empreendimentos econômicos e um florescente mercado global como pano de fundo. As crianças que sangram na guerra da Síria são necessárias para a indústria bélica e seus milhares de conglomerados fabris que lhes dão suporte. Os doentes que agonizam nas filas são fundamentais para a indústria farmacêutica e a dos planos de saúde. Os automóveis e pessoas destroçadas nas estradas, pelo excesso de velocidade, são o êxito do marketing da indústria automobilística. O câncer provocado pelos agrotóxicos é uma estratégia de longo prazo da indústria química que produz agrotóxicos e, adivinhem, remédio para câncer. Podemos fazer um exercício, olhando para os lados e observar o quanto o mercado lucra com a manutenção da desgraça humana. Se não há algo de errado nisso, onde haverá? E o acidente de trabalho, a doença do trabalho, a morte no trabalho porque continuam acontecendo sem dar trégua? Isso é uma questão de mercado? A resposta é óbvia. Na visão dos que lucram com a desgraça humana, promover a saúde dos trabalhadores significa diminuir a margem de lucro.

Investir em melhores condições de trabalho, segundo a ótica satânica do mercado, é desperdício econômico. É claro que isso não é assumido por empresários, legisladores, juristas, governos, mas essa é a lógica que vigora. A indústria da desgraça no trabalho tem várias frentes. Por exemplo, para a indústria dos Equipamentos de Proteção Individual, a eliminação dos riscos é um risco para a sua sobrevivência. Por isso, é preciso que os riscos sejam mantidos. O mercado de EPI é altamente rentável. Para milhares de advogados trabalhistas, a indústria da insalubridade é sua principal fonte de renda. Tornar salubres os ambientes de trabalho é ameaçador para um importante setor do mercado advocatício trabalhista. A indústria do PCMSO [Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional - Norma Regulamentadora nº 7 da CLT] é outro caso emblemático. As milhões de empresas, no Brasil, obrigadas a fazer o PCMSO, contratam médicos que, na esmagadora maioria das vezes, não exercem o seu papel de prevenir os danos à saúde. Seja por pressão das próprias empresas, seja por desinteresse dos médicos, seja por seu desconhecimento dos riscos nos processos de trabalho, o PCMSO é praticamente uma letra morta em matéria de promover a saúde no trabalho. O mesmo pode ser imputado ao PPRA [Programa de Prevenção de Riscos Ambientais - Norma Regulamentadora nº 9 da CLT].

Neste caso mudam os beneficiários do mercado: engenheiros e técnicos de segurança, outra indústria altamente lucrativa! Podemos não ter, ainda, a força para mudar essa situação, mas entender o que está por trás e, quem sabe, refletir sobre nossas posições éticas, políticas e ideológicas sobre o problema da saúde do trabalhador já será um grande passo...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.